

História

Inovações

Desde o século XVII que os economistas se esforçam por sistematizar os factores de um crescimento sustentado do nível de bem-estar das populações. O segundo fenómeno importante na análise das várias escolas económicas tem sido o das flutuações económicas. Schumpeter teve a virtude de afirmar que as inovações são responsáveis pelo desenvolvimento e pelas flutuações. Há três razões que justificam a adequação desta perspectiva à compreensão do crescimento económico e das flutuações económicas contemporâneas. Em primeiro lugar, é

a única teoria que combina a explicação dos dois fenómenos. Em segundo, é a única teoria que trata explicitamente toda a gama das flutuações económicas. Finalmente, é a única teoria que combina a abordagem teórica com a experiência histórica. Por isso, ela parece ser a mais útil para tentar uma visão prospectiva. Talvez por isso se tenham desenvolvido várias correntes neoschumpeterianas. Entre as escolas clássicas, keynesianas ou marxistas, alguns autores destacaram-se: Walras, Kondratiev, Kuznets e, obviamente, Schumpeter.

Ciclos e crescimento

O legado do segundo milénio

ANA BELA NUNES E NUNO VALÉRIO*

Os últimos dois séculos e meio do segundo milénio foram caracterizados por dois fenómenos novos na história económica da humanidade:

- O crescimento económico moderno, isto é – nas palavras de Simon Kuznets, o economista que introduziu a expressão no seu livro clássico de 1966 (Kuznets, 1966) –, a época caracterizada pela aplicação sistemática do conhecimento científico à resolução dos problemas económicos e conducente ao crescimento sustentado do nível de vida das pessoas.

- Flutuações económicas de um tipo diferente do verificado até então, concretamente os ciclos, habitualmente associados aos nomes dos economistas que pela primeira vez os identificaram. Assim, temos os ciclos Juglar, de período aproximadamente decenal, e os ciclos Kondratiev, de período de aproximadamente meio século. Convém lembrar que a existência dos cic-

los de Kondratiev é negada por um número considerável de economistas e historiadores.

A questão que se coloca é elementar: será que estes fenómenos vão continuar durante o século XXI? Para responder a esta pergunta, importa considerar quais as explicações que as diferentes escolas da ciência económica encontraram para esses fenómenos ao longo do tempo.

O crescimento económico moderno

As explicações clássicas para o crescimento económico moderno são a acumulação de capital, o progresso técnico, as vantagens comparativas e a dimensão do mercado (Neves, 1993). Joseph Schumpeter (Schumpeter, 1939) acrescentou a esta lista as inovações organizativas e apresentou uma síntese, que distinguia o crescimento em sentido estrito (consequência da acumulação de capital) do desenvolvi-

mento económico. Para Schumpeter, o desenvolvimento económico era atribuído à sucessão de inovações, nas quais incluía as inovações tecnológicas (o progresso técnico), as inovações organizativas e as inovações espaciais (resultantes das vantagens comparativas e da dimensão do mercado).

Tratamento das flutuações económicas

As escolas clássica e neoclássica e a chamada nova escola clássica, que constituem a corrente dominante da evolução da ciência económica, avançaram, desde o século XIX, com diversas teorias sobre as causas das flutuações económicas.

Não é possível sintetizar aqui essas teorias, mas pode-se afirmar que todas elas se baseiam na ideia de que os ciclos resultam de perturbações (positivas ou negativas, mas passageiras) do equilíbrio geral dos mercados, seja por razões relacionadas com as variáveis da

*Ana Bela Nunes e Nuno Valério são professores do ISEG/UTL.

CICLOS

Schumpeter assentou a sua teoria de crescimento na existência de três ciclos de diferente duração.



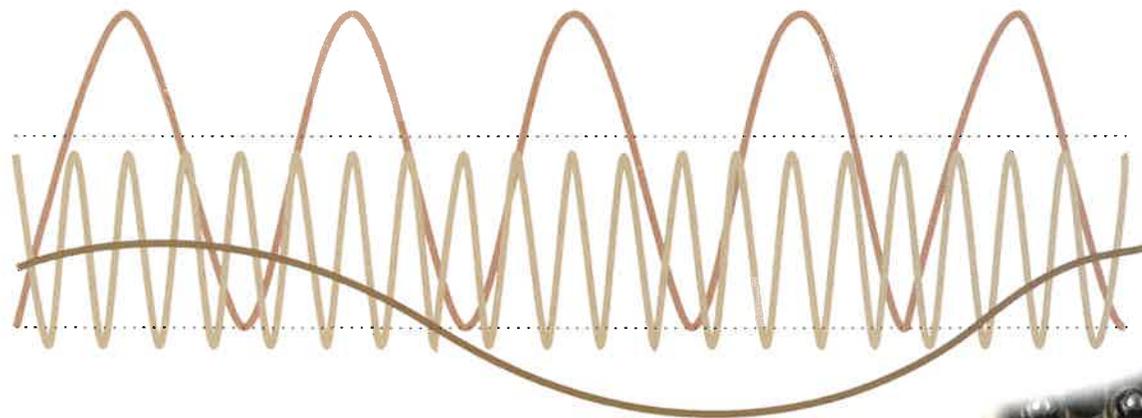
KONDRATIEV

Kondratiev detectou um ciclo de 50 anos (duas gerações)



KUZNETS

Simon Kuznets, em 1966, introduzia a expressão de crescimento económico moderno.



1948 1953 1959 1964 1969 1974 1979 1984 1990 1995 2000



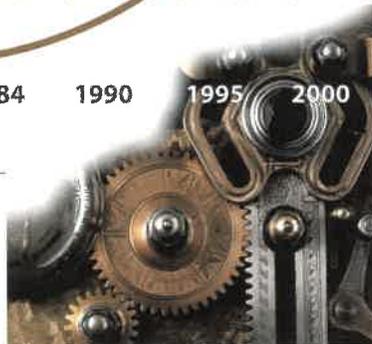
WALRAS

Walras admitia o equilíbrio geral, devido às funções de produção e utilidade bem-comportadas.



SCHUMPETER

Há três ciclos, de 4, 10 e 50 anos, endógenos ao crescimento. Em 1939, com *Business Cycles*, Schumpeter inovava...



procura e da oferta (teorias dos ciclos reais), seja por razões relacionadas com as variáveis monetárias e financeiras (teorias dos ciclos monetários).

Assim, todas elas sustentam que existem mecanismos automáticos que levam as economias, em situação de depressão, a ultrapassar essa situação.

O argumento básico pode assim ser expresso em termos de equilíbrio geral: como a procura agregada tem de ser igual à oferta agregada e os mercados têm de estar em equilíbrio, os excessos parciais, por exemplo, da procura sobre a oferta têm de ser compensados por excessos parciais da oferta sobre a procura.

A existência dos ciclos de Kondratiev é negada por muitos historiadores.

A existência de funções de produção e de utilidade bem comportadas, aumentos dos preços dos bens para os quais a procura excede a oferta e reduções dos preços dos bens para os quais a oferta excede a procura levarão à coincidência precisa da procura e da oferta em todos os mercados – trata-se do processo *detâtonnement* de Walras. Tal como todos os outros, os mercados de factores têm de estar em equilíbrio, pelo que não haverá desemprego de factores e a produção efectiva coincidirá com a produção potencial, pelo menos depois do lapso de tempo necessário para que o processo *detâtonnement* se realize.

A contestação mais radical desta perspectiva da corrente dominante proveio das correntes keynesianas. A principal novidade das perspectivas keynesiana e neo-keynesiana é a ideia de que há pelo menos algumas situações depressivas que não podem ser ultrapassadas pelos mecanismos automáticos aceites pela corrente dominante. Tal facto levou à defesa da intervenção do Estado sob a forma de políticas monetárias e orçamentais de curto prazo, com o objectivo de pôr termo a algumas fases depressivas. A Grande Depressão, dos anos 30, apareceu como um exemplo bastante claro deste tipo de situações.

Outra perspectiva do mesmo tipo, a que se poderá chamar neomercantilista, sublinha a possibilidade de, através de políticas proteccionistas e cambiais, exportar as dificuldades económicas de carácter conjuntural para outras economias.

Pelo contrário, Karl Marx e os marxistas aceitaram, no essencial, o esquema clássico. A principal diferença em relação às correntes dominantes não tem a ver com a teoria dos ciclos, mas com a visão sobre a dinâmica de longo prazo da economia capitalista. Na verdade, para Marx e os marxistas, a baixa tendencial da taxa de lucro acarretará inevitavelmente, no longo prazo, o colapso do modo de produção capitalista, acabando, simultaneamente, com o problema das flutuações económicas, uma vez que o planeamento central da economia prevalecente no modo de produção comunista é suposto poder superar a existência dessas mesmas flutuações.

Também aqui Joseph Schumpeter trouxe novidades importantes. Para ele, as inovações que permitem o processo de desenvolvimento económico são também a causa das flutuações económicas. Toda a inovação com sucesso é base para uma onda expansionista primária, à qual é geralmente adicionada uma onda expansionista secundária, baseada na difusão da inovação e em iniciativas económicas que encontram um enquadramento favorável nos efeitos da onda primária. Diferentes inovações terão naturalmente diferentes impactos na actividade eco-

nómica, o que justifica a existência de ciclos económicos com diferentes períodos e amplitudes. O esgotamento dos processos que estão na base da onda expansionista primária conduz à interrupção da expansão e à recessão. O consequente esgotamento dos processos que estão na base da onda expansionista secundária provoca, por sua vez, a depressão. Contudo, Schumpeter aceita a validade dos mecanismos clássicos de superação das depressões, os quais suscitam um período de recuperação. É na sequência dele que outras inovações poderão desencadear uma nova fase de expansão.

Prospectiva schumpeteriana

A perspectiva schumpeteriana aparece como a mais adequada à compreensão do crescimento económico e das flutuações económicas contemporâneas. Em primeiro lugar, porque é a única teoria que combina a explicação dos dois fenómenos. Em segundo, por-

Para Schumpeter, as inovações que ditam o desenvolvimento são ainda a causa das flutuações.

que é a única teoria que trata explicitamente toda a gama das flutuações económicas. Finalmente, porque é a única teoria que combina a abordagem teórica com o enquadramento da experiência histórica. Por isso, ela parece ser a mais útil para tentar uma visão prospectiva. Talvez por isso se tenham desenvolvido várias correntes de carácter neo-schumpeteriano.

Assim, as inovações são a variável fundamental para reduzir o grau de incerteza que forçosamente envolve este tipo de visão.

Há boas razões para esperar que o fluxo de inovações de base científica continue no futuro. A principal é a mudança do carácter das inovações, já assinalada por Kuznets e reconhecida pelas teorias do crescimento endógeno. Estas sublinham que o crescimento económico moderno fornece recursos para a investigação científica, conduzindo ao aumento do fluxo das descobertas úteis, base das inovações. Há, a este respeito, uma diferença significativa entre as economias tradicionais, que não beneficiavam deste fluxo, e as economias desenvolvidas contemporâneas, que dele beneficiam.

Outra razão relevante para esperar que o fluxo de inovações de base científica prossiga, no futuro, é a tendência de a economia mundial explorar novos espaços. O crescimento económico moderno foi sempre baseado na exploração de novos espaços e na integração crescente dos espaços existentes. A integração de todos os espaços económicos separados, que ainda existiam no princípio do século XIX, numa verdadeira economia mundial única foi o aspecto mais visível deste fenómeno até ao início do século XX. Poderia parecer que esse fecho da economia mundial teria sido o fim deste processo, mas a utilização dos espaços aéreo e dos satélites durante o século XX demonstrou que tal não era o caso. Não há dúvida de que a possibilidade de explorar novos espaços, como os mares abissais e os outros planetas, durante o século XXI, depende da concretização de inovações adequadas.

Uma terceira razão para esperar que o fluxo de inovações de base científica continue no futuro tem a ver com a interacção entre as existências de recursos naturais e a população. A quantidade de recursos naturais por habitante tem vindo a diminuir significativamente, ao longo das últimas décadas, e é razoável esperar que essa tendência se mantenha. Para mais, esse processo tem sido acompanhado pela destruição de importantes recursos naturais, o que originou os sérios problemas

ecológicos com que o mundo hoje se confronta. Esta situação implica mudanças significativas no paradigma tecnológico num futuro de longo prazo, mas previsível. Por exemplo, a dependência actual de combustíveis fósseis não é sustentável.

De qualquer modo, dadas as altas densidades populacionais atingidas com o crescimento económico moderno, a própria solução dos problemas ecológicos exige inovações. Isto significa que a evolução dos recursos naturais apresenta grandes desafios, mas, ao mesmo tempo, como a história económica dos últimos dois séculos demonstra, tais desafios serão muito provavelmente um estímulo às inovações concebidas para ultrapassar as restrições impostas por eles ao crescimento económico moderno.

Dado um fluxo contínuo de inovações de base científica (sobretudo tecnológicas), tanto o crescimento económico moderno como as flutuações económicas (de curto e longo prazo) deverão continuar no futuro. De facto, de acordo com a teoria schumpeteriana, os dois fenómenos são consequência das inovações e, assim, é razoável esperar que a maioria das análises, que se revelou correcta sobre a evolução da economia mundial nos séculos XIX e XX, continue a sê-lo no futuro.

Todavia, como algumas perspectivas neo-schumpeterianas mais recentes mostram, este cenário não evita perturbações na superação das fases depressivas de longo prazo. Inovações organizativas têm de apoiar as inovações tecnológicas e geográficas, para permitir que estas desenvolvam todas as suas potencialidades.

Períodos significativos do século XX viram os processos de integração económica recuar, tanto devido às ten-

tativas de construir economias socialistas de direcção central à margem da economia mundial capitalista, como em resultado do desenvolvimento de tendências proteccionistas. Os finais do século XX testemunharam uma inversão destas tendências e um avanço da globalização tecnológica e organizativa

Os problemas ecológicos poderão implicar uma forma de governo à escala mundial.

da economia. De qualquer modo, estas variações do grau de integração sublinham a necessidade de apoio institucional para garantir plenamente os benefícios derivados das potencialidades da integração económica permitida pela tecnologia.

Como já sugerimos, é natural que apareçam soluções tecnológicas para superar a redução absoluta e relativa de recursos naturais. Isto não significa que essas soluções não exijam também alterações organizativas.

Efectivamente, do ponto de vista técnico, os problemas ecológicos são efeitos externos, que implicam falhas de mercado, e, se forem suficientemente sérios, exigem a intervenção do Estado para avançar com soluções

adequadas. Porém, é possível argumentar que os problemas ecológicos mais sérios, como o efeito de estufa e a destruição da camada do ozono, que representam uma ameaça à escala mundial, não podem ser tratados de forma adequada, quer pelos Estados nacionais, quer mesmo a um nível supra-nacional, mas regional. Isto significa que alguma forma de coordenação mundial, talvez mesmo alguma forma de governo à escala mundial, poderá ser necessária. Naturalmente, isto não implica qualquer forma de socialismo mundial, no sentido marxista, mas sublinha o facto de que os meros mecanismos de mercado, apesar da sua relativa eficiência, não são uma panaceia universal para todos os problemas.

O crescimento da população, que acompanhou o crescimento económico no passado, declinará certamente no futuro, seja porque mais e mais países partilharão o declínio das taxas de natalidade, associado no passado com a subida dos níveis de vida (desenvolvimentos recentes na Ásia do Sueste ilustram claramente este fenómeno), ou porque os mecanismos tradicionais da fome, da doença e da guerra aumentarão as taxas de mortalidade (como se tem visto em recentes desenvolvimentos na África Subsariana).

A queda do crescimento da população destrói certamente um estímulo para o crescimento, mas é claramente impossível sustentar altas taxas de crescimento populacional sem piorar os já sérios problemas ecológicos. E deve ser sublinhado que o crescimento populacional não é o único estímulo para o crescimento económico.

A melhoria da qualidade de vida e a solução dos problemas ecológicos proporcionam estímulos para o crescimento económico. □

Para saber mais

Kuznets, Simon (1966), *Modern Economic Growth Rate, Structure and Spread*, New Haven, Yale University Press.

Neves, João L. César das (1993), *Dos Motores do Crescimento*, Estudos de Economia, vol. XIV, n.º 1.

Nunes, Ana Bela; Valério, Nuno (1999) *Five Ways Out of Depression: 19/20th Century Experience and 21st Century Prospects*,

Documento de trabalho n.º 15 do Gabinete de História Económica e Social do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa.

Schumpeter, Joseph (1939), *Business Cycles a Theoretical, Historical and Statistical Analysis of the Capitalist Process*, New York-London, McGraw-Hill.